



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Cúpula dos Povos na Rio+20: vozes em destaque pela cobertura da Rede de Notícias da Amazônia

Antonia Costa da Silva ¹

Resumo: O presente trabalho apresenta como a Rede de Notícias da Amazônia-RNA fez a cobertura da Cúpula dos Povos na Conferência Rio+20; averigua como trabalhou o discurso das vozes que não tiveram destaques na mídia oficial. A perspectiva da análise está centrada em respostas oferecidas em breves relatos fornecidos pela jornalista da RNA, o que inspira a reflexão sobre questões de fundo da prática jornalística. Apresenta uma reflexão sobre o olhar das vozes indígenas no Acampamento Terra Livre², um acontecimento que depois de 20 da Eco 92 volta a discutir as questões socioambientais do planeta, mas que ainda não deu a importância merecida de ouvir os Povos Tradicionais que ainda sobrevivem na agonia de querer salvar a Mãe-Terra que sofre constantes mutações da mão humana.

Palavras-Chave: Rádio. Cúpula. Cobertura. Rio+20. RNA.

1. Introdução

Apesar das novas tecnologias de comunicação e informação disponíveis e de suas facilidades de acessibilidade, o rádio ainda possui papel social de grande importância, sendo que sua atividade de radiodifusão implica no envolvimento de uma rede complexa de relações em que está envolta a pessoa humana. Há, por detrás das ondas do rádio, uma força capaz de interferir e até mesmo desencadear relações e processos interligados em outros espaços de poder.

Em junho de 2012, o Brasil foi sede da Conferência da ONU - Organização das Nações Unidas -, a Rio+20 que tratou do tema: Desenvolvimento Sustentável. Paralelamente foi realizada a

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Mestre em Educação pela UFAM. Jornalista e Radialista. Profa. Efetiva do Curso de Comunicação da UFRR. E-mail: minterantonia@gmail.com.

² Cúpula dos Povos realizado paralelamente a Rio+20.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Cúpula dos Povos, no Aterro do Flamengo. O evento foi realizado no Rio de Janeiro, 20 anos depois da Eco92. O mega evento teve a cobertura oficial da Mídia Nacional e Internacional. Nesse trabalho pretendemos mostrar como a Rede de Notícias da Amazônia (RNA) fez a cobertura antes, durante e depois do evento e quais prioridades ela enfatizou. Que vozes foram ouvidas. Para ajudar nesse processo, fizemos contato via e-mail com a produtora do Jornal “Amazônia é Notícia”, jornalista e radialista Joelma Viana para saber como se deu esse processo.

Para construir esse trabalho buscamos pesquisar as informações divulgadas antes, durante e depois em sites ligados aos Movimentos Indígenas. Para aprofundar um pouco mais, resolvemos destacar o depoimento de três lideranças indígenas da Amazônia Brasileira. Entre elas: Davi Yanomami com um breve relato de sua participação, uma declaração extraída do site do Conselho Missionário Indigenista - CIMI. Outro depoimento de Iranildes Barbosa, da etnia macuxi e ligada ao Movimento de Mulheres Indígenas, através do bate papo do Facebook, e com a acadêmica de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima, Mayra Celina da etnia Wapichana, em contato via e-mail.

2. O poder do rádio

Pelo fato da Amazônia ser uma região de difícil acesso pela sua extensão geográfica, há lugares em que o rádio ainda é um único meio de comunicação social utilizado pelos seus habitantes. Por ser um dos meios de comunicação de massa, que presta grandes serviços à sociedade através da informação e do entretenimento, o rádio tem se transformado ao longo de sua existência. Como define Charaudeau (2006), o rádio é essencialmente voz, sons, música, ruído, e é esse conjunto que o inscreve numa tradição oral. “O rádio é, por excelência, a mídia da transmissão direta e do tempo presente” (p. 107).

T tecnicamente, Ferraretto (2001, p. 23) define rádio como:

Meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas. A tecnologia é a mesma da radiotelefonía {ou seja, transmissão de voz sem fio} e passou a ser utilizada, na forma que se convencionou chamar de rádio, a partir de 1916, quando o russo radicado nos Estados Unidos David Sarnoff anteviu a possibilidade de cada indivíduo possuir em sua casa um aparelho receptor.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Desta forma, o rádio é o veículo de comunicação mais popular e de maior alcance público não só no Brasil, mas em todo o mundo. Muitas vezes, o rádio é o único a levar informações a populações mais distantes. Além disso, destaca Ortriwano (1985), o rádio é o mais privilegiado dos meios de comunicação de massa por ter características intrínsecas, entre elas, linguagem oral, penetração, por ser um dos mais abrangentes, além de mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia.

O presente trabalho tem relação com o tema da democratização da comunicação e o jornalismo ambiental. O estudo da produção dos programas radiofônicos na Rede de Notícias é uma proposta de estudar a Amazônia interligada pela notícia através da Rede de Notícias da Amazônia-RNA. Estudo esse proposto para ser assunto de nossa pesquisa de doutorado.

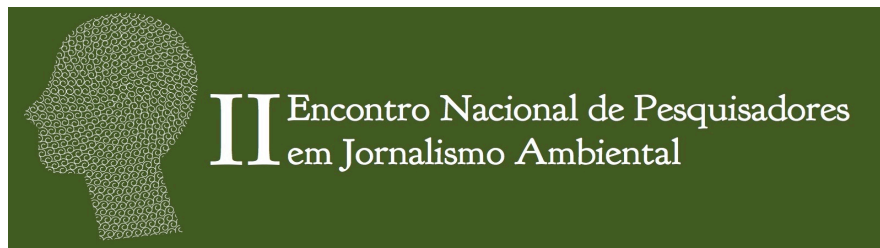
3. Rede de Notícias da Amazônia na cobertura

O projeto da Rede de Notícias da Amazônia propõe ser um instrumento diferenciado entre os povos da Amazônia com notícias educacionais, culturais, ambientais e de gênero para estimular a formação da consciência crítica e participativa dos e das ouvintes da região. Pretende ser também um instrumento de comunicação democratizada na Amazônia, priorizando o ponto de vista dos protagonistas sociais, a partir das fontes fidedignas de informação.

O primeiro produto do projeto é o Jornal “Amazônia é Notícia”, um noticiário produzido por jornalistas de Manaus, Coari, Parintins e São Gabriel da Cachoeira no Amazonas, de Boa Vista em Roraima, Balsas no Maranhão, Belém e Santarém no Pará. Ele tem a duração de quinze minutos e vai ao ar de segunda a sexta-feira das 17h45 às 18hs e está no ar desde o dia 19 de maio de 2008.

O Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia define o “Amazônia é Notícia” como gênero informativo. E determina como o radiojornal deve ser produzido. Para tanto diz:

Reportagem: Matéria específica e de maior fôlego sobre um determinado tema. Pode incluir entrevistas, externas, opinião do repórter, BG, etc. Poderíamos considerar a reportagem como um formato que combina elementos dos gêneros jornalístico e opinativo. É a representação de um fato ou acontecimento enriquecido pela capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade, criatividade e narração fluente do autor. A RNA adota como padrão o tempo médio de suas notícias o OFF um minuto e as sonoras com um minuto e trinta segundos. Os áudios devem ser gravados em menos 10db e sem eco. Sonoras: Em geral as sonoras devem ter entre 10 a 40 segundos. Os cortes: quando fizermos cortes é importante deixar uma pausa, para não parecer ter sido feita uma edição abrupta.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

O Radiojornal faz um rodízio com as emissoras parceiras na produção do editorial e dá a seguinte dica:

O editorial de retrata a opinião da instituição, do veículo. Texto opinativo sobre assuntos nacionais ou internacionais. Também é chamado de jornalismo de opinião. Os editoriais devem ser produzidos, preferencialmente, pelos diretores/as das emissoras. A duração em média dois minutos e trinta segundos.

Além desse noticiário, a rede produz um programa de educação ambiental, denominado “Caminhos da Amazônia,” onde a intenção não é apenas denunciar as ações que estão sendo praticadas contra o bioma amazônico, mas sensibilizar os e as ouvintes de que é necessário fazer algo para mudar a realidade. O programa é veiculado aos sábados e produz dicas de meio ambiente, entrevistas, músicas e outras informações.

Isso demonstra o que diz Benetti (2007), que no jornalismo, de modo geral a discussão tem misturado dois pontos de vista: o funcional – quando define, por exemplo, os gêneros informativo e opinativo – e o textual – quando emolduram os gêneros, subgêneros ou formatos notícia, reportagem, entrevista, crítica e editorial, entre outros textos possíveis. Nem mesmo combinados, entretanto, esses pontos de vista contemplam as relações intersubjetivas e de poder que efetivamente constituem um gênero.

Aplicamos dois questionários, um antes da cobertura e um posterior. Ouvimos as edições do Jornal “Amazônia é Notícia” do dia 01 a 27 de junho 2012.³ No primeiro questionário, iniciamos perguntando: como a RNA especificamente no Jornal “Amazônia é Notícia” tem feito a cobertura regional sobre a preparação para a Conferência das Nações Unidas Rio+20? Viana enfatizou em sua resposta que:

Na cobertura sobre a Rio+20, as emissoras sócias a RNA têm mencionado apenas os eventos em preparação ao evento, como a elaboração da carta da Amazônia, a descrença das lideranças dos movimentos em relação ao tema, pois muitos acreditam que evento será apenas mais uma discussão sem muitos resultados. Nós também da RNA não temos grandes expectativas quanto a tal conferência, que parece ser uma sequência de Kyoto, Copenhagen e Cancun. (VIANA, 2012).

³ O programa foi enviado via e-mail.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

As perguntas seguintes foram: Quem tem direcionado as pautas? Cada emissora que faz parte da RNA ou há uma determinação por parte da sede que fica em Santarém? Viana firmemente respondeu:

Sim. Santarém é a sede da RNA. O presidente, que é o padre Edilberto Sena e a tesoureira, que sou eu, estamos aqui. Fomos eleitos em novembro de 2011 para um mandato de 3 anos. Quanto as pautas, estas são direcionadas por cada emissora, a partir de orientações contidas em um manual de produção, construídas pelos diretores das emissoras sócias da RNA. Mas, uma vez, ou outra, eu, que produzo o jornal, encaminho sugestões de pauta para as emissoras. (VIANA, 2012).

O ideal é que os repórteres realizem suas coberturas jornalísticas orientadas por uma pauta, elaborada pelo chefe de reportagem ou pauteiro dos veículos de comunicação. Magalhães (1979, p.112) recomenda como estratégia de cobertura:

A primeira providência, ao ser elaborada a pauta, é guarnecer os pontos que produzem a notícia, com os repórteres normalmente encarregados dessas áreas ou, quando necessário, com o esforço de outros repórteres. Os jornais não se interessam apenas pelo resultado final de determinado evento, mas procuram compor as reportagens com indicações humanas, técnicas e até pitorescas.

O questionário também abordou as perguntas: Qual a relevância desse tipo de reportagem para a RNA? Ou seja, tem sido uma pauta constante?

Nós da RNA estamos nos detendo mais na cúpula dos Povos, que vai acontecer paralelo a Rio Mais vinte. Mas em relação ao meio ambiente tem sido uma pauta constante nas nossas matérias. Até porque temos essa preocupação com o meio, e também com a sobrevivência dos povos da Amazônia, que precisam desse lugar para viver e manter suas famílias. (VIANA, 2012).

Em todos esses casos, a pauta representa um poderoso auxílio dos repórteres e um guia certo para o êxito da edição jornalística. “O papel do editor é fundamental na programação da cobertura, definindo previamente a função de cada repórter e apontando os pontos de maior interesse editorial” (MAGALHÃES, 1979, p. 112).

Informação da atualidade reflete a realidade que nos cerca, num processo através do qual surge a opinião pública, explica Angel Benito (*apud* ERBOLATO, 2003, p. 51). E o serviço de informação é essencial para o homem e para o tecido social que compõem o grupamento humano,



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

numa busca constante por informação.

Para tanto, fizemos as perguntas: Como a Amazônia deverá contribuir para o documento final da Conferência? A Economia verde será prioridade?

Nosso presidente da RNA esteve num encontro de delegados dos nove estados da Amazônia legal para construção de um documento a ser levado pelos governadores da Amazônia. Voltou de lá decepcionado com a discussão do tal documento. Os técnicos apresentaram um esboço com 270 parágrafos para serem debatidos por 130 delegados em apenas dois dias. Foi algo cheio de boas intenções e nada de compromisso sério em defesa da Amazônia. Não deu outra, o documento que os governadores levam para a Rio mais 20 não terá eficácia, numa conferência que também não dará em nada. Uma das propostas é o chamado PAC da floresta que prevê mais investimentos para a concessão florestal, ou seja, para a extração de madeira (VIANA, 2012).

No que se refere à relevância e ao interesse, estes podem ser considerados como os atributos de definição do jornalismo. Só é notícia o relato que projeta, desperta ou responde a interesses. Esse atributo de definição pode alcançar maior ou menor intensidade, dependendo da existência, em maior ou menor grau, de atributos de relevância no conteúdo (CHAPARRO, 1994, p. 119).

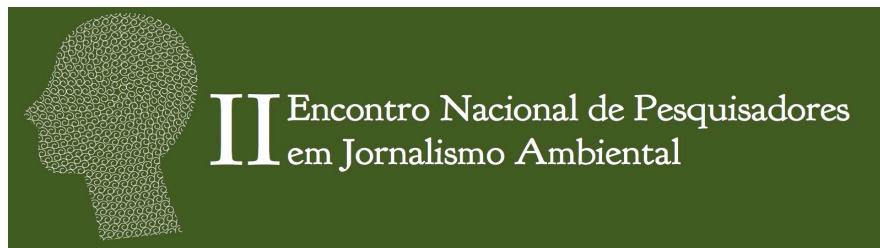
Para saber o grau de interesse ainda procuramos saber: A RNA vai está fazendo cobertura direta do Rio?

Nós Estaremos no Rio. Padre Edilberto, Daleuson e eu, fazendo cobertura para a América Latina e também para a Rede de Notícias da Amazônia sobre a cúpula dos povos. Com menos ênfase vamos também fazer cobertura Rio mais vinte. (VIANA, 2012).

De certa forma, a RNA tem interesse de dar a notícia direto do local do acontecimento. Quanto à definição de notícia, Natali define:

A saber: nem tudo o que é notícia aparece no noticiário internacional. O noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão. Muita coisa que será vista no futuro como de capital importância histórica é diariamente deixada de lado. E, ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam virando notícia porque interpelam a mitologia de nosso mundo cotidiano. (NATALI, p. 12).

Critérios elementares para definir a importância de uma notícia podem ser listados respeitando, de acordo com Mário Erbolato: a originalidade, a proximidade e marco geográfico; a importância; expectativa; o interesse ou impacto, especificando que quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é; apelo, ou seja, quanto maior a curiosidade que



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

uma notícia possa despertar mais peso ela tem; empatia e proximidade. Este é o fato que se pretende destacar, pois quanto maior a proximidade geográfica entre o fator gerador da notícia e o leitor, mais importante ela se torna (ERBOLATO, 2003, p. 60-65).

Escutamos as edições do Jornal “Amazônia é Notícia” e realmente a RNA, todos os dias, tem alguma reportagem voltada para a questão ambiental. Na cobertura, a edição do dia 18 de junho foi a que mais se reportou a questão ambiental, quando Viana fez uma entrevista especial e exclusiva com o Jornal “Amazônia é Notícia”, com o líder do Instituto Madeira Vida4, Iremar Ferreira que declarou que participar da Cúpula dos Povos é motivo de reencontrar sonhos, sonhos de tantos movimentos sociais que buscam reconstruir um mundo bem melhor.

Para saber como foi a cobertura direta do Rio, deixamos que Viana escrevesse livremente o relato da experiência vivida no Rio de Janeiro:

Falar um pouco da experiência da cobertura da Cúpula. Para mim foi uma experiência impa. Várias pessoas reunidas, de vários movimentos com um único propósito. a defesa do ser humano e de um meio ambiente sustentável. Claro, havia grupos preocupados apenas com seu umbigo, mas era uma minoria que não vale a pena ressaltar. Mas o que mais me envolveu foram os debates e a participação popular. O engajamento, a força de vontade, a esperança na mudança e na força popular, me reforçaram o pensamento de que é necessário e fundamental continuar apostando em uma comunicação cidadã, que se preocupe com o que as entidades, os movimentos, as pessoas estão fazendo. (VIANA, 2012).

É sabido que a notícia, embora de difícil definição, é a matéria-prima do jornalismo. A publicação dos fatos é que tem o poder de visibilidade. E todos dependem deste produto, a notícia, para emitir valores, opiniões, definir planos de ação, investimentos, projetos de governo.

É particularmente evidente que o que sabemos sobre numerosos assuntos de interesse público depende enormemente do que nos dizem os veículos de comunicação. Somos sempre influenciados pelo jornalismo e incapazes de evitar esse fenômeno”, afirmam William L. Rivers e Wilbur Schramm, (*apud* Mário Erbolato p. 51).

Benetti (2007) diz: “Charaudeau nos coloca cinco elementos essenciais para pensar as regras do discurso jornalístico: “quem diz e para quem”, “para quem se diz”, “o que se diz”, “em que condições se diz” e “como se diz”. Todos estes elementos se misturam em um conjunto que só é possível dividir sob o aspecto metódico, mas jamais processual. Para pensar o gênero jornalístico, é

4 Organização Não-Governamental que reúne a Bacia dos Rios Amazônicos.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

preciso considerar a totalidade desses elementos.

Resende (2009) trata a questão da narrativa como um lugar em que representações e mediações são indissociáveis, esta reflexão busca pensar e (re)conhecer a narrativa jornalística à luz de sua própria tessitura; um caminho que pode nos auxiliar a melhor conhecer a práxis jornalística.

Nesse sentido, o esforço é acolher as narrativas como lugar de produção de conhecimento, trazendo à tona a problemática da representação e colocando em evidência o lugar em que se inscrevem suas instâncias enunciativas; trata-se de refletir sobre o caráter (que se pressupõe) dialógico do discurso jornalístico. Há de se perguntar se este é um modo de trabalharmos a favor do deciframento do enigma da comunicação e se a análise de narrativas, no âmbito do jornalismo, nos ajuda a considerar o paradoxo da incomunicabilidade (Ricoeur), tornando possível a compreensão e o (re)conhecimento dos abismos que o discurso instaura.

Por muito tempo os estudos sobre os meios de comunicação foram pouco atentos à problemática da relação, nos fazendo crer na assepsia de um processo que se realizaria em sentido de mão única. À luz deste modo de compreender a comunicação, as dominâncias foram tecidas na ordem da lógica dos produtores, e assim, nos lugares legitimados para produzir a fala, sempre coube o empenho de normatizá-la, a fim de que, salvando-se dos ruídos, fosse possível produzir a “boa” comunicação.

E creio que a Rede de Notícias tem esse papel de promover uma comunicação cidadã, que mostre para o mundo, como as organizações na Amazônia trabalham em prol do meio ambiente. Além disso, a cobertura serviu para um questionamento, o que eu, enquanto comunicadora estou fazendo para promover a comunicação cidadão. E isso me fez aumentar o compromisso em prol dos povos da Amazônia. (VIANA, 2012).

É comum pensar na Amazônia a partir de duas reflexões simultâneas: a primeira é a imagem de uma natureza exuberante, feita de florestas, igarapés, árvores gigantescas, rios imensos, animais selvagens, grandes riquezas minerais. A segunda imagem é a de uma Amazônia povoada por pessoas primitivas e exóticas; índios, ribeirinhos, caboclos incapazes de aproveitar as riquezas que a natureza lhes oferece. Essas são as imagens muitas vezes divulgadas pelos meios de comunicação. “Há séculos, as decisões a respeito da Amazônia são tomadas longe da região, sem a participação dos povos que a habitam” (MANUAL DA CAMPANHA CF, 2007, p. 133).

Nesse sentido, o desmatamento da Amazônia é um tema relevante para os brasileiros



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

porque, além da importância que esta floresta tem para o mundo, ela está localizada em nosso território e sofremos sazonalmente as pressões da comunidade internacional quanto à sua preservação.

Sabemos que o homem é resultado do meio cultural como ressalta Morin (1998, p. 17) “Efetivamente, tradição, educação, linguagem são os componentes nucleares da cultura e formam, em conjunto, os ídolos da sociedade tribo”.

Para Morin (1998, p. 23),

A cultura, que caracteriza a sociedade humana, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade.

O ato de narrar, assim, deriva da premência de se estabelecerem modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive. E esse contar pode nascer, hoje principalmente, nos vários lugares em que a vida acontece. Ao contrário então do que pensa Benjamin, o romance é ele próprio um tipo de narrativa. Outros tipos, por exemplo, reportagens e notícias, também, de alguma maneira, recontam e criam sentidos — e, portanto narram — as experiências do homem no mundo.

Assim, em se tratando do jornalismo, apropriar-se da ideia de narrativas enquanto discurso e narração é uma problemática a ser enfrentada, haja vista as questões que este caminho suscita. Por exemplo, no âmbito específico desta reflexão, ao problematizar aspectos relativos ao papel do jornalista e à questão das vozes que operam o discurso e dos sujeitos nele representados, as análises realizadas colocam em evidência o caráter (que se pressupõe) dialógico do discurso jornalístico. Há de se perguntar se este é um modo de trabalharmos a favor do deciframento do enigma a que se refere Ricoeur e se a análise de narrativas, no âmbito do jornalismo, é um esforço de compreensão e (re) conhecimento dos abismos que o discurso instaura.

Quando se fala em Amazônia, nos remete à memória a grave questão ambiental: devastação das florestas, ameaças à biodiversidade e ao seu patrimônio natural. Mas a Amazônia deve também nos levar a pensar em situações humanas e questões sociais preocupantes, como indígenas perturbados em seu espaço e agredidos em suas culturas; crescimento caótico dos grandes centros urbanos; conflitos sociais por causa da disputa pela posse das terras; iniciativas inadequadas ao



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

ambiente.

Morin (2000, p. 24) chama de era planetária, o período da evolução humana no qual as interações entre o velho e o novo mundo se realizam por todo o globo. Percebe que esse período se desenvolve mediante muita violência e destruição, além da “exploração feroz das Américas e da África”.

4. Lideranças indígenas no IX Acampamento Terra Livre

Destacamos aqui, a força dessas três lideranças que somadas aos 1.800 lideranças, representantes de povos e organizações indígenas do Brasil e de outros países presentes no IX Acampamento Terra Livre.⁵ Tiveram um papel fundamental e parecem que estiveram lá firmados no compromisso que a COIAB⁶ fez em sua chamada no evento ainda no mês de fevereiro de 2012.

Parentes, não podemos participar de um evento de tamanha envergadura como esses, somente para acender fogueira, dançarmos e cantarmos, como espera o governo. A violência do capitalismo que invade os nossos territórios precisa ser denunciada em todos os níveis. Os órgãos internacionais de defesa e promoção dos direitos humanos precisam tomar conhecimento das nossas realidades. Para os povos indígenas o desenvolvimento vem trazendo muita dor e sofrimento em nossas comunidades. Precisamos dar um basta nisso, pois temos a consciência que são os conhecimentos milenares dos povos indígenas que vão ajudar a salvar o planeta de crise climática em que vivemos. (COIAB, 2012).

A participação dos Povos Indígenas na Cúpula vinha sendo preparada a longo prazo e segundo as leituras que realizamos nos sites ligados à causa indígena, já havia uma prévia desconfiança de que a Rio+20 não corresponderia ao que o mundo precisa de fato, especificamente os Povos Indígenas. E o questionamento crítico saiu nas páginas desses sites.

A princípio, já não acreditamos que o diálogo com o governo brasileiro e a ONU seja transparente. Ele é prejudicado pela falta de clareza nos processo de organização do próprio evento. As pessoas que estão à frente do Comitê que organiza a RIO 20, no que diz respeito aos povos indígenas, não foram escolhidas com a participação do movimento indígena. Foi necessária muita intervenção das organizações indígenas, para colocar um representante

⁵ Assembleia indígena do Brasil. Um espaço político de deliberação de suas causas por ocasião da Cúpula dos Povos, encontro paralelo de organizações e movimentos sociais, face à Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20).

⁶ *Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira* - organização indígena, de direito privado, sem fins lucrativos.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

legítimo no comitê organizador do evento, mesmo assim, somos prejudicados. (COIAB, 2012).

Toda essa desconfiança se dá porque as lideranças indígenas há tempo vêm denunciando e elas dizem não serem ouvidas, mas nem por isso, deixam de registrá-las nos seus meios próprios:

São inúmeras as grandes obras que invadem os nossos territórios no galope do desenvolvimento insustentável. As hidrelétricas nos rios da Amazônia, a Transposição do São Francisco, o agronegócio no Centro-Oeste, as Pequenas Centrais Hidrelétricas no sul do país, a criminalização das nossas lideranças que lutam por justiça, o Projeto TIPNIS na Bolívia, o Plano Puebla-Panamá, aliados à truculência dos governos e seus aparatos militares, vem perpetuando o sofrimento aos povos indígenas. É preciso denunciar essa violência, bem como construir alternativas que provoquem mudanças. Os governantes precisam de uma nova mentalidade para salvar o planeta. (COIAB, 2012).

A produção da notícia é um processo complexo que se inicia com um acontecimento. Mas não precisamos entender esse acontecimento como algo alheio à construção social da realidade por parte do sujeito (ALSINA, 2009).

Alsina ainda argumenta que a transcendência social pode se dar através do sujeito protagonista do acontecimento ou pelo objeto do desenvolvimento do acontecimento. Ambos, ou pelo menos um deles, devem ter transcendência social “também é bom lembrar que um dos elementos necessários para a construção da notícia é sua publicação. Se o público não receber qualquer notícia sobre um fato, esse fato não poderá ser considerado como um acontecimento com transcendência social”. (ALSINA, 2009, p. 116).

O Acampamento Terra Livre foi em algum momento noticiado na mídia tradicional, no entanto, de uma forma superficial, de uma forma mais folclórica, mas olhando toda a organização no seu processo, deu para perceber que ele se tornou de fato uma grande aldeia de todos os povos. Pois conseguiu agregar as lideranças do Brasil, da Bacia Amazônica, da América Central e dos Andes. Foram colocados bem distante da Rio Centro, mas não impediu que mulheres que estão acostumadas a conviver com longas caminhadas na floresta fossem capazes de chegar até lá, assim, nos relata a indígena macuxi de Roraima, Iranilde Barbosa:

Bem a minha participação como movimento e mulher indígena foi boa; primeiro por compartilhar e participei da movimentação lá no sambódromo onde ficamos alojados, mas não gostei mais ainda porque como mulheres indígenas não fomos organizadas para participar dos eventos de mulher nem apresentamos algo do nosso tema, melhor que



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

estavam discutindo. Ficamos participando do movimento geral que foram boas a carta final, a marcha ao banco BNDS; tinha muitas mulheres participando, mas também soltas nas discussões; não sei. Só sei que ajudei mesmo, teve um seminário aqui em Boa Vista que colocamos algumas coisas relacionadas a mulheres, a carta lá foi entregue. Mas faltou algo mais, foi o que pude refletir; outra coisa foi que cheguei no dia 16 o povo já tinha chegado desde dia 12, 14 e voltei no dia 12 antes de terminar. Outra coisa que dificultou foi a logística, tanto para a realização, o local onde estavam ocorrendo a discussão Aterro do Flamengo, hospedagem e local para fazer refeição.... O Rio Centro também ficava 1 hora e 20 do aterro, muito longe, mas mesmo assim fui nos dois lugares, participei no rio centro apenas de uma temática de mulher da ONU MULHER. (BARBOSA, 2012).

Ela ainda lembrou que as discussões feitas com aliados aos parentes⁷ dos outros países, fora sobre as questões globais que afetam diretamente os territórios e comunidades indígenas, como: biodiversidade, produtos transgênicos, mudança climática, gestão ambiental e territorial, grandes empreendimentos, repartição de benefícios a partir da demanda indígena, bem como acesso a políticas e programas; fortalecimento da produção indígena e, em especial economia verde.

Essa lembrança tão próxima, na memória de Iranilde nos remete a concordar com o conceito destacado por Alsina (2009) que menciona o acontecimento como algo que é o maravilhoso das sociedades democráticas. Através da transmissão ao vivo dos principais acontecimentos, retiram-lhe seu específico caráter histórico para projetá-los nas vivências quotidianas das massas. Paralelamente à democratização do acontecimento, ampliam-se os critérios do acontecer social e se produz sua espetaculosidade. A totalitária lei do espetáculo é imposta aos acontecimentos.

No que tange à história, a mídia extrai de determinados conceitos seu específico caráter histórico. Mas por outro lado, o acontecimento aproxima a história ao indivíduo. O faz “participe” da história imediatamente. De fato, o que não aparece na mídia não existe para muita gente. A mídia faz visíveis os fatos [...] a mídia também aproxima o indivíduo da realidade de uma forma especial. A representação feita pela mídia da realidade vai muito além da própria realidade que se pode perceber. Isto é, o olho eletrônico chega aonde o olho humano não chega. (ALSINA, 2009, p. 129).

Conforme Araújo (2006), no Brasil hoje, é reconhecida oficialmente a existência de 215 povos indígenas, em média com uma população de 700 mil pessoas distribuídas em 582 terras identificadas indígenas, numa extensão de 108.430.000 hectares; isso corresponde 12,5% do

⁷ Forma de tratamento dos indígenas uns com os outros, pode ser da mesma ou etnia diferente.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

território do País, porém, a sua distribuição pelas diferentes regiões e ecossistemas não tem uniformidade.

Na região Amazônica está concentrada uma grande parte desta população e de suas terras, segundo HECK (2005), são 180 povos, ocupando uma área de 103.480.000 hectares. Significa dizer que em média 70% destas terras estão localizadas na região Amazônica.

Os indígenas firmam-se enquanto povo sem perder a autonomia de determinar seus próprios rumos. As lideranças se propõem a construir um modelo de escola indígena diferenciada, com metodologia participativa, garantindo o saber tradicional. Segundo Meliá (1979, p. 91):

[...] os indígenas mantiveram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma é precisamente a ação pedagógica. Em outros termos: continuou havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura enfrentem com relativo sucesso situações novas.

Esse jeito de manter alteridade é que faz destacarmos aqui o relato da jovem acadêmica de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima, a indígena Mayra Celina. Ela conta como foi a sua participação no Acampamento Terra Livre:

Considero o movimento Cúpula dos Povos e Acampamento Terra Livre, sendo um momento de descobertas, motivações e experiências, antes jamais vivenciadas, onde pude conviver e ver culturas, realidades de vida e povos diferentes. A forma como encontrei para registrar todos aqueles momentos, foi apenas uma câmera fotográfica, buscando sempre ficar atenta ao melhor ângulo, aquele que pudesse demonstrar o acontecimento ali vivenciado, da forma mas legítima possível. O evento representou também, o avanço e conquista nesse processo de formação acadêmica e profissional, além de fortalecer a minha responsabilidade, sobre o exercício da profissão em defesa da causa indígena de uma forma geral, e específica em defesa da causa dos povos indígenas de Roraima. (CELINA, 2012)

Em relação ao local, a distância está diretamente relacionada ao custo para produção da notícia, e quanto mais próximo o acontecimento noticioso estiver do público atingido pelo veículo de comunicação, em outras palavras, a audiência pretendida, maior será a possibilidade de se tornar notícia. Porém, podemos observar que há casos em que, dependendo das características da abrangência, alguns acontecimentos podem ultrapassar as barreiras da distância (MACQUAIL, 2003).



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Os meios de comunicação costumam planejar o envio de repórteres a pontos noticiosos, ou seja, locais onde os acontecimentos noticiáveis sejam de provável ocorrência. Segundo Macquail (2003, p. 285), “a identificação desses acontecimentos depende das crenças sobre o que interessará à audiência”.

Considerando a noticiabilidade como um conjunto de elementos com os quais os veículos de comunicação controlam e administram a quantidade e o tipo de acontecimentos que podem se tornar notícia, Wolf (2003) define como um dos componentes da noticiabilidade, os valores/notícia, que são os critérios que guiam os profissionais no processo de produção da notícia.

Wolf (2003) afirma que os valores/notícia derivam de considerações relativas aos caracteres substantivos da notícia (dizem respeito ao evento a ser transformado em notícia), à disponibilidade do material e os critérios relativos ao produto informativo (referente ao processo de produção), ao meio, ao público e à concorrência. São esses valores/notícias que faz com que a acadêmica de jornalismo reflita sobre a importância dos Povos Indígenas se preparem também na área jornalística.

No primeiro momento após a confirmação da minha presença nos eventos, busquei a refletir sobre a importância da minha participação no próprio movimento indígena de Roraima que, diga-se de passagem, já durante nove anos. Um período bastante significativo e fundamental para que optasse definitivamente pela formação profissional na área de jornalismo, no qual dois fatores foram importantes para tal escolha. Primeiro, a visibilidade quanto à necessidade da formação de jornalista indígenas, justamente para atuar em rol das questões indígenas e segundo, pela preferência de fato, pelo curso de jornalismo, um gosto adquirido ao longo da atuação na organização de maior representatividade indígena, o Conselho Indígena de Roraima e demais organizações indígenas do Estado. O ingresso na UFRR, por meio do processo Seletivo Específico para Indígenas foi a concretização de um desejo que há tempo vinha se perpetuando, até que a realidade de está na Universidade, cursando jornalismo veio à tona, causando incentivo e motivação pela conquista da formação profissional, cujo objetivo é o exercício da profissão em detrimento das questões indígenas em Roraima. (CELINA, 2012).

Entre as lideranças indígenas presente no Aterro do Flamengo, estava Davi Yanomami, figura conhecida mundialmente pela sua posição e articulação política em defesa dos Povos da Floresta. Apesar de terem seu território demarcado há 20 anos, a falta de políticas de proteção efetiva constantes invasões de garimpeiros ao território Yanomami. Foi junto entregar o documento dos Povos Indígenas na Cúpula dos Povos e deixou registrado o seu depoimento com certa decepção, por não terem sido ouvidos pelas autoridades: é um pinga d`água. Um pinga apenas, mas importante. Na Eco 92 vieram autoridades ouvir nossos problemas, mas aqui nem isso aconteceu.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Viana, como jornalista e radialista foi testemunha ocular da participação efetiva dos Povos Indígenas no mega-acontecimento do século XXI e declara:

Quanto a participação dos povos indígenas foi magnífica. O que percebi é que antes os indígenas precisavam que alguém os tutelassem e lutassem por seus direitos, hoje eles, próprios, são protagonistas de sua história. Denunciam, cobram posições concretas. Verifiquei ainda, que muitas pessoas do Rio, iam ao aterro do Flamengo para ver os exóticos de perto, como ouvi muitos dizer. Não estavam preocupados com as discussões e pouco sabiam sobre o que se debatia no local. É como o povo do sul trata os habitantes da Amazônia, é exótico, diferente. (VIANA, 2012)

O documento entregue destacou a importância da participação dos Povos Indígenas na Cúpula dos Povos, com um tom de denúncia:

É graças à nossa capacidade de resistência que mantemos vivos os nossos povos e o nosso rico, milenar e complexo sistema de conhecimento e experiência de vida que garante a existência, na atualidade, da tão propagada biodiversidade brasileira, o que justifica ser o Brasil o anfitrião de duas grandes conferências mundiais sobre meio ambiente. Portanto, o Acampamento Terra Livre é de fundamental importância na Cúpula dos Povos, o espaço que nos possibilita refletir, partilhar e construir alianças com outros povos, organizações e movimentos sociais do Brasil e do mundo, que assim como nós, acreditam em outras formas de viver que não a imposta pelo modelo desenvolvimentista capitalista e neoliberal. (Trecho do Documento entregue pelo Acampamento Terra Livre na Cúpula dos Povos). (CIMI, 2012).

No entendimento de Miranda (2005), se os grandes acontecimentos perderam sua potência, se impera uma espécie de nebulosa de pequenos eventos, aparições e conversões, provocando uma espécie de luto interminável:

[...] torna-se necessário questionar a própria noção de acontecimento em busca de alguma orientação sobre o que está em causa, aqui e agora. Tudo indica que as atuais teorias do acontecimento são meras abstrações dos grandes acontecimentos históricos, que, apesar de tudo, as continuam a determinar.

A insegurança em que vivem os povos indígenas põe em risco sua vida física e cultural. Um povo que mal sobrevive, que precisa fugir e que luta constantemente só para assegurar seu pedaço de chão, deixa de transmitir seus valores, suas histórias, suas danças e ritos. Esse argumento pode ser também refletido a partir do que diz Semprini (1999, p. 13): “O massacre físico se prolongaria ao longo do século XX por uma política sistemática de assimilação forçada e de desenraizamento



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

cultural: deslocamento de populações, misturas de tribos diferentes, proibição de práticas rituais tradicionais de culto e do ensino da língua indígena.”

Demonstra que a luta pela sobrevivência da sua cultura está mais do que ativada, que essa memória viva não venha ser contada apenas em conta de fadas, como fazem hoje os americanos:

Descobrimos que a presença indígena, diminuída ou mesmo apagada pela cultura oficial e pelos livros de história, está estreitamente inserida na história americana, tanto mais porque os processos de mestiçagem, sobretudo no século XVII, contribuíram para a mistura de sangue e transformaram o índio num componente fundamental da “raça” americana (SEMPRINI, 1999, p. 14).

5. Considerações Finais

Nesse sentido vale ressaltar a importância da cobertura da Rede de Notícias da Amazônia em um evento que marca a humanidade, quando o assunto do momento, é a questão da Sustentabilidade e quem de fato dá uma lição de como lidar isso, talvez não seja, a Voz oficial e sim as vozes alternativas que se manifestam em momento oportuno como foi o mega acontecimento no Aterro do Flamengo: Cúpula dos Povos.

A condição de propósito (“o que se diz” ou “do que se trata”) diz respeito às escolhas temáticas, aos valores-notícia identificados nos acontecimentos e aos critérios de noticiabilidade acionados pelos jornalistas para realizar essas escolhas (GOMIS, 2002; GUERRA, 2004; MARTINI, 2000; WOLF, 1995).

A julgar por sua finalidade, o jornalismo está guiado pelo princípio soberano da atualidade, além de valores como interesse (público ou segmentado), notoriedade dos sujeitos e ineditismo. Nesse quadro, a compreensão do que seja acontecimento (MOLOTOCH e LESTER, 1993; RODRIGUES, 1993), para o jornalismo, na diferenciação a qualquer evento da vida cotidiana, é fundamental para a instituição do gênero.

Durante as discussões no Acampamento Terra Livre, na Cúpula dos Povos, os indígenas repudiaram as causas estruturais e as falsas soluções para as crises que se abatem sobre nosso planeta. Pelo conteúdo do Documento oficial entregue pelos Povos Indígenas, há um firme posicionamento diante da situação e ao mesmo tempo demonstra que o Povo da Floresta ainda acredita na possibilidade de salvar o planeta:



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Defendemos formas de vidas plurais e autônomas, inspiradas pelo modelo do Bom Viver/Vida Plena, onde a Mãe Terra é respeitada e cuidada, onde os seres humanos representam apenas mais uma espécie entre todas as demais que compõem a pluridiversidade do planeta. Nesse modelo, não há espaço para o chamado capitalismo verde, nem para suas novas formas de apropriação de nossa biodiversidade e de nossos conhecimentos tradicionais associados. Considerando a relevante importância da Cúpula dos Povos, elaboramos esta declaração, fazendo constar nela os principais problemas que hoje nos afetam, mas principalmente indicando formas de superação que apontam para o estabelecimento de novas relações entre os Estados e os povos indígenas, tendo em vista a construção de um novo projeto de sociedade. (parte do Documento entregue na Cúpula dos Povos). (CIMI, 2012).

Morin (2002) em sua obra clama para a questão da agonia planetária. Estaria Morin (2002) preconizando o teor das discussões do Acampamento Terra Livre na Cúpula Rio+20? Quando enfatiza que é a relação com o não econômico que falta à ciência econômica? Com isso há outros problemas interligados, como a explosão demográfica, o desregramento ecológico e a crise do desenvolvimento.

Morin (2002) sugere a possibilidade de unir Estados para superar a crise ecológica e outros problemas planetários, como o tráfico de drogas, ecologia, êxodo rural. No entanto, se depender apenas do que foi discutido na Rio+20, considerada por muito em discussões que não vão dar em nada, que futuro garantido teremos?

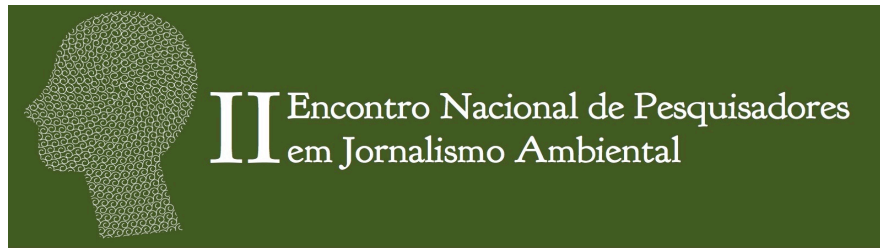
Para entender o que de fato é acontecimento, podemos destacar o que diz Queré (2005, p. 70): “O acontecimento só pode ser compreendido a partir do seu futuro e da sua posteridade”. Portanto, o tempo nos dirá se o Acampamento Terra Livre, uma das atividades desenvolvida pela Cúpula dos Povos Rio+20 foi compreendido como um acontecimento.

Referências

ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARAÚJO, Ana Valéria et al. **Povos Indígenas e a lei dos “brancos”**: o direito à diferença. Brasília: MEC; Laced/Museu Nacional, 2006.

BARBOSA, Iranildes. Mensagem enviada por Iranildes Barbosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/antonia.costa.562?fref=ts>. Acesso em 18 jul. 2012.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. In: 5º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **Anais...** Universidade Federal de Sergipe, 15 a 17 de novembro de 2007.

CELINA, Mayra. Mensagem recebida por minterantonia@gmail.com em 11 jul. 2012.

CHAPARRO, Manuel Carlos, **Pragmática do Jornalismo Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Gênero de discurso. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAIN-GUENEAU, Dominique (orgs.). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CIMI. www.cimi.org.br, acesso em 9 fev. 2012.

COIAB. Disponível em: www.coiab.org.br, acesso em 9 fev. 2012.

ERBOLATO, Mário L.. **Técnicas de Codificação em jornalismo, redação, captação e edição de jornal diário**. Ática: São Paulo, 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2 ed. São Paulo: Sagra Luzzatto, 2001.

HECK, Egon. LOEBENS, Francissco. CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. **Estud. Av.** vol.19, n.53, São Paulo, 2005.

MAGALHÃES, Manuel Vilela de. **Produção e difusão da notícia**. São Paulo: Atlas, 1979.

MANUAL DA REDE de Notícias da Amazônia. Disponível em: <http://www.rededenoticiasdaamazonia.com.br/administracao.asp>. Acesso em 12 dez. 2012.

MANUAL DA CAMPANHA da Fraternidade de 2007. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/site/>. Acesso em 12 dez. 2012.

MIRAND, José A. Bragança. O acontecimento como invenção necessária da história. **Revista de Comunicação Trajectos**, Lisboa, n. 6, 2005.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

MORIN, Edgar. **O método 4 -As idéias-Habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 1998.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

ORTIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 4 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

QUÉRÉ, Loouis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Revista de Comunicação Trajectos**. Lisboa, nº 8-9, 2006, p.17-27.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, 2009, p.31-43.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: EDUSC, 1999.

VIANA, Joelma. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por minterantonia@gmail.com em 11 jul. 2012.